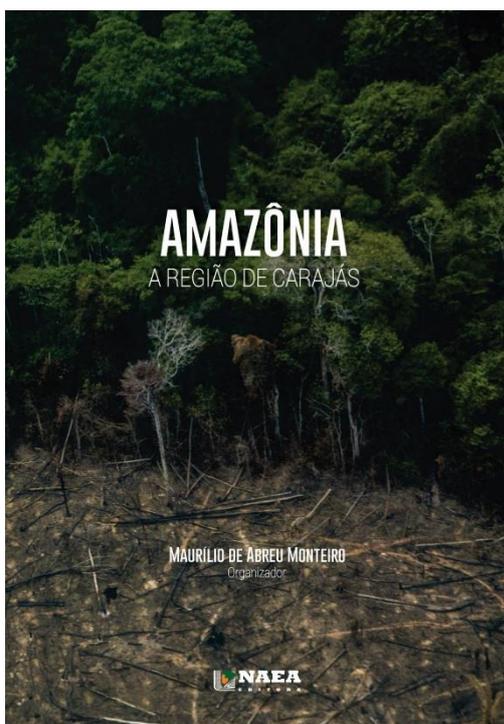


Resenha

Monteiro, Maurílio de Abreu (org.). *Amazônia: a região de Carajás*. Belém: NAEA, 2023.

Dr. Geovanni Gomes Cabral*

*Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Email: geocabral@unifesspa.edu.br



O Livro *Amazônia: a região de Carajás*, organizado pelo pesquisador e professor Dr. Maurílio de Abreu Monteiro, possibilita pensar e problematizar uma série de questões no tocante ao território amazônico, em suas múltiplas temporalidades de espaços, memórias, vidas, experiências, explorações e fronteiras. Muitos são os conceitos mobilizados em seus escritos, afinal, são 756 páginas em que pesquisadores e pesquisadoras mergulham em seus mapeamentos, documentos, cartografias, vestígios e indícios. Em uma verdadeira “operação



historiográfica”, utiliza-se do conceito de Michael de Certeau (2011) presente em seu livro *A escrita da História*, quando nos apresenta que, para escrever, é preciso atentar-se aos procedimentos metodológicos referentes ao lugar institucional da produção do discurso. O livro está dividido em sete partes: Região, aspectos teóricos e metodológicos; Tópicos da história regional; Economia e região; Conformação da rede urbana; Ensino e escola; Elementos do agrário regional e Domínios da natureza. Cada uma delas se fragmenta em capítulos que buscam compreender a região dos Carajás — o bioma amazônico — com suas cartografias e experiências humanas. Nesse contexto, os autores não estão tomando a Amazônia como algo natural, homogêneo e estereotipado, conforme se apresenta nos projetos e políticas governamentais frutos da colonização, da ocupação e do controle durante a Ditadura Militar (Guimarães Neto; Janoni Neto, 2023). O bioma amazônico, retratado nesta obra, é múltiplo, heterogêneo, plural; fruto das experiências vividas com suas marcas no tempo, com seus “horizontes de expectativas” (Koselleck, 2006) que tecem seu tempo, no presente, diante dos enfrentamentos do progresso vazio, capitalista e avassalador. Seguindo essa lógica destrutiva (Pereira, 2015), vamos encontrar os conflitos sociais e agrários; a grilagem; os violentos confrontos por uso e ocupação da terra; a corrosão da floresta para criação de gado bovino; o garimpo, que sangra os rios com valas e mercúrio; o massacre de trabalhadores e trabalhadoras que desafiam a ordem mercadológica e o poder.

Desse conjunto, destaco a fotografia da capa — criada por Lucas França — que representa uma parte da antiga área dos castanhais do Espírito Santo e de Carajás, uma região de Xinguara. Seu tecido imagético nos conduz a espaços vazios e preenchidos, a uma ordem na desordem; desmatamento e destruição, frutos da ação humana e das motosserras que fazem agonizar vários biomas. Nesse enquadramento, ficaram de fora os corpos que lutam; que resistem e existem; que sofrem, sangram, pulsam e gritam. Por sua vez, temos uma fronteira — verde, exuberante, imponente — que também se impõe com suas árvores e seus mistérios. Possivelmente, uma rota de fuga diante da morte que não escolhe rostos e corpos. Uma imagem que potencializa um labirinto de ideias e questões, convidando o leitor e a leitora a percorrerem seus caminhos. A imagem fotográfica também sinaliza que ainda é possível frear, reduzir, encontrar alternativas para recompor essa biodiversidade, com o objetivo de que a vida nesse bioma seja, em sua multiplicidade, o ponto norteador. Carajás está imersa nesse conjunto de práticas discursivas, de ralações de poder e de crescimento urbano permeado por uma onda migratória entre sonhos, desejos e esperanças. Diante dos galhos e troncos retorcidos e da morte anunciada, encontra-se esse território que pulsa, que vive, que se recompõe em sua geometria.

A obra *Amazônia: a região de Carajás* inova e estabelece “um marco” de pesquisas da região que nos arrastam para a curiosidade e o conhecimento, fundamentais para que entendamos as especificidades dessas fronteiras, desses estratos de tempo, dessas riquezas de minerais, biomas e vidas humanas que são esquecidas em nome do “progresso vazio”. As histórias e experiências narradas neste livro não estão apagadas no tempo; elas vivem; elas percorrem rios, floretas, homens e mulheres; elas gritam por justiça e melhores condições de vida. Nelas, não se descreve o fim, mas as expectativas de mudanças e transformações. São teias discursivas e interpretativas que bailam com o tempo presente, que dialogam com a “passadidade do passado” e com as linguagens, os ditos e os escritos de uma Amazônia que não passou (Ricoeur, 2007).

O livro é uma obra de fôlego; imagino a complexidade em reunir esses/as autores e autoras, estabelecer diálogos e estratégias, tudo sistematizado em sete partes, com temáticas que fazem parte de um todo, de uma Carajás, de uma Amazônia que se vê tecida, materializada, narrada e problematizada. Não estamos, aqui, falando de uma reunião de capítulos romanceados com as lendas amazônicas, mas de textos que tencionam, que cortam a carne, que percorrem as veias da região de Carajás e suas adjacências. Sua escrita provoca deslocamentos, aceitação, recusas, lembranças e esquecimentos; inquieta, desafia e nos leva a pensar na corda de um trapézio diante de um equilíbrio distante. Textos que são acompanhados de memórias, de afetos, de questões às quais não podemos fechar os olhos e caminhar na orla do rio Tocantins. Ainda que tal deleite seja importante. Mas, refiro-me às questões levantadas, aos problemas enfrentados — que não são simples — diante de um cenário de enorme complexidade e que exige da universidade e da sociedade, de forma geral, um olhar diferenciado para o espaço em que habita.

O professor Carlos Antônio Brandão, no prefácio desta obra, foi brilhante em reunir ou sintetizar o que *Amazônia: a região de Carajás* vem propor: um trabalho de muitas mãos, olhares, críticas, incertezas e esperanças. Não é um livro para ler em uma tarde (inclusive, considero isso impossível), muito menos em um dia, sentado na orla contemplando o pôr do Sol. Trata-se de um livro para ser esmiuçado, debatido, problematizado e inserido em nossos cursos de graduação e pós-graduação. Em espaços onde possamos indagar: que papel este livro desempenha e como contribui para pensarmos um Brasil mais consciente mediante as heranças que o constituem? Como problematizar a presença do passado ou de passados estabelecendo um diálogo com esse presente e as expectativas desse tempo que está por vir? Que Amazônia/s região de Carajás queremos para esse “tempo saturado de agoras”? (Benjamin, 2012).

Referências Bibliográficas

Benjamim, Walter. Sobre o conceito de história. In: Benjamim, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Certeau, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

Janoni Neto, Vitale; Guimarães Neto, Regina Beatriz. *Amazônia, violência e tecnólogos e poder: textos conjuntos*. Curitiba: Appris, 2023.

Koselleck, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

Pereira, Airton dos Reis. *Do posseiro ao sem-terra: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará*. Recife: Editora UFPE, 2015.

Ricoeur, Paul. *A história, a memória, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.